



HOMENAGEM

A Diretoria de Informação Legislativa e o Serviço Gráfico associam-se, num preito de saudade profunda e eterna gratidão, às consagradoras homenagens prestadas à memória do Doutor Isaac Brown.

É a homenagem ao grande Chefe, exprimindo o sentimento de todos os funcionários destes Serviços da Câmara Alta, aos quais o Dr. Isaac Brown deu o melhor de sua inteligência criadora, espírito de organização e capacidade de trabalho, com aquêlo zêlo, dedicação e esforço que o marcaram na vida como apóstolo singular do bem público.

Em 23 de agosto de 1967, sofreu o Senado Federal perda irreparável ante o desaparecimento do Secretário-Geral da Presidência — Doutor Isaac Brown.

A beira do túmulo do exemplar servidor, prestou-lhe o Congresso Nacional sentida e comovedora homenagem, expressa através das orações do Senador Guido Mondin e do Deputado José Bonifácio.

O SR. SENADOR GUIDO MONDIN:

Isaac Brown, foi chegado o momento de também trazer-te aqui.

Bem dizíamos, há poucos dias, quando morreu Newton, que nada poderia expressar mais a dor do que as próprias lágrimas, onde as palavras se dissolvem.

Como é difícil falar num momento assim!

E dizer que eu vim aqui para expressar o sentimento do Senado e dos seus servidores... Tantas horas de controle vivi hoje diante de teu corpo morto e neste instante vejo que tudo foi inútil. Sei apenas chorar.

E triste perder um amigo assim.

Eu lembrava, ao trazer-te, lutador sem par, ao último repouso, que agora, particularmente nós da Mesa, já não te teremos naquela assessoria que tão difícil será repetir. Agora, em nossos trabalhos, sei que nos voltaremos muitas vezes, pensando ver-te perto para nos assessorar. E pelas madrugadas, ao partirmos das fadigas do dia, já não te teremos conosco, incansável, exemplo extraordinário que será tão difícil seguir.

Há poucos dias, quando falávamos do jovem jornalista morto, que era feito de bondade, lembrávamos precisamente que aqueles que passaram pela vida semeando bondade, semeando exemplos, antes de serem sepultados nos campos-santos são sepultados em nosso coração, onde viverão enquanto vivermos.

E eu pergunto: que se dirá de Isaac Brown, esse caráter sem jaça, esse exemplo de líder inconfundível? Que se dirá dele? Por quanto tempo ficaremos nós a comentar esta morte? Por quanto tempo ficaremos a comentar essa vida extraordinária.

Vida extraordinária, sim!

Por quê falar no cemitério? Que importa isto? Chorar, sim. Chorar, sim, que as lágrimas foram feitas para os grandes desabafos, e nós te trouxemos, Isaac, as lágrimas que ninguém consegue conter.

Leva-as!

E lembra que tu estás em nós, e nós prosseguiremos, Isaac Brown, te lembrando sempre, mórmente naquela Casa que tu tanto amaste e para a qual tudo deste, o primeiro a chegar e o último a sair.

E agora?

Agora já não escreverás o livro de que tanto falavas. Agora já não farás as pesquisas que tanta vontade tinhas de levar a efeito quando te aposentasses. Eis que agora é a própria vida quem te aposenta.

Deus te receba! Ele te há de receber, entre nossas lágrimas e nossas preces. Uma criatura como tu tem de receber a mercê plena do aconchego de Deus.

Não é possível dizer mais nada, Isaac.

Dorme em paz, Isaac!

O SR. DEPUTADO JOSÉ BONIFÁCIO:

Dr. Brown.

No Senado, era a palavra carinhosa: Isaac. Na Câmara era a palavra de respeito: Dr. Brown.

As minhas palavras, à beira deste túmulo, têm o seu sentido. Desaparece, não um alto funcionário do Senado Federal, mas, em verdade, morre um grande, um intrépido defensor do Poder Legislativo.

Nesta qualidade, a Câmara o distingue e o coloca dentre os grandes homens deste País, e o faz por meu intermédio, que fui o seu amigo, que às madrugadas, quando deixava a Câmara dos Deputados, por vèzes o encontrava saindo, cansado, exausto, dando ao Estado, ao Poder Público, à Nação aquilo que ele retirava da sua família: a sua presença permanente, o seu contato amigo.

Ele bem exprimiu, na grandeza do seu coração e no seu alto espírito, o funcionário-exemplo, alto e dignificante, que não olhava para seus interesses pessoais mas olhava sempre o Brasil, sobretudo o Brasil.

A mansidão com que ele assessorava — eu tive a oportunidade de testemunhar — a Presidência do Senado, a Presidência do Congresso Nacional, não era timidez: era respeito pela Instituição. E quando muitos reclamavam da sua intransigência, em verdade não era intransigência: era a defesa da coisa pública. Ele foi, sobretudo, um defensor da coisa pública.

Meu caro Brown, repousa aí, tranqüilo. As atribuições da tua vida — da tua grande vida — merecem de todos, nesta hora que ninguém desejou, mas que apareceu, que fiques tranqüilo.

Resta-nos a nós, os que ficamos aqui, longe da tua convivência, deixar sobre tua campa, como já se acentuou e se demonstrou, lágrimas, sempre lágrimas, lágrimas, sentida expressão de toda nossa dor, de toda nossa saudade!

No mesmo dia 23 de agosto, em sessão conjunta, Câmara e Senado Federal reverenciaram a memória do grande funcionário e amigo, expressando as duas Casas do Congresso seu imenso pesar, sua saudade e profunda gratidão na palavra dos Senhores Deputados Geraldo Freire e Mário Covas, dos Senhores Senadores Daniel Krieger e Bezerra Neto e do Senhor Vice-Presidente da República Pedro Aleixo que, na Presidência, associou-se às manifestações de pesar.

O SR. GERALDO FREIRE:

Sr. Presidente, depois de longos anos, podemos dizer que, desde que este Congresso foi reaberto, em 1946, vamos hoje funcionar sem a presença de um companheiro que nunca faltou a esta Casa. Morreu o Dr. Isaac Brown. Morreu aquele que sempre esteve presente aos nossos trabalhos, que sempre nos assistiu com sua presença encorajadora e com seus conselhos perspicazes e sábios.

Todo o Congresso conheceu muito bem Isaac Brown. Todos os que participam dos trabalhos desta Casa Legislativa, seja do seu corpo de legisladores, seja do seu corpo de funcionários, sabem medir muito bem a imensa falta que aquele inesquecível companheiro nos faz.

Dr. Isaac Brown, desde 1926, pertencia aos trabalhos legislativos do Congresso brasileiro. Nasceu ele em 15 de abril de 1900, portanto, com o Século XX e passou por tôdas as amarguras, por tôdas as esperanças e por todos os brilhos deste século desconcertante. Mas o que há, Sr. Presidente, que frisar, para nosso exemplo, é sua fidelidade inteiriça e completa aos trabalhos do Poder Legislativo.

Foi amanuense da Prefeitura do antigo Distrito Federal, por concurso, em 1926, e, logo a seguir, no mesmo ano, datilógrafo, também por concurso, da

Câmara dos Deputados. Passou a segundo-taquigrafo, ainda por concurso, da mesma Câmara, em 17 de junho de 1929; foi promovido a primeiro-taquigrafo, também da Câmara, em 23 de agosto de 1934. Hoje, Sr. Presidente, deveria estar ele comemorando aniversário desta data tão jubilosa de sua vida. Foi promovido a taquigrafo-revisor, em 7 de março de 1939. Foi também oficial de gabinete dos Ministros da Justiça Francisco Campos, Marcondes Filho, Agamemnon Magalhães, Sampaio Dória e Carlos Luz, de novembro de 1941 a setembro de 1946. Foi nomeado Secretário-Geral da Presidência do Senado Federal em 12 de janeiro de 1946.

Executou as seguintes missões no estrangeiro: participou da delegação do Brasil à posse do Presidente do Chile, Gabriel Gonzalez Videla, chefiada pelo Vice-Presidente da República, Dr. Nereu Ramos, em 1946. Acompanhou, como Secretário, o Vice-Presidente do Senado Federal, Senador Marcondes Filho, em viagem oficial à Europa, para estudar a organização e o funcionamento dos Parlamentos da França, Inglaterra, Portugal, Espanha, Itália e Bélgica, em abril de 1952.

Estenderam-se além desta Casa, Sr. Presidente, os trabalhos daquele hercúleo lutador. Foi diplomado em Medi-

cina pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1931. Laureado com o Prêmio de Medicina, em 1933, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Ex-interno da Cadeira de Clínica Propedêutica Médica da Faculdade Nacional de Medicina (a cargo do Prof. Rocha Vaz), em 1931. Ex-assistente extranumerário da mesma Cadeira, de 1932 a 1935. Ex-assistente extranumerário da 1.ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina (a cargo do Prof. Rocha Vaz), Ex-assistente do Serviço de Clínica Médica da Policlínica de Copacabana. Ex-Chefe dos Serviços de Doenças do Aparelho Respiratório e de Clínica Médica da mesma Policlínica. Ex-Diretor da mesma Policlínica. Ex-assistente da Cadeira de Clínica Propedêutica Médica da Faculdade Nacional de Medicina (a cargo do Prof. Floravanti Di Pietro, em 1937). Ex-assistente dos cursos equiparados de Clínica Médica lecionados na Faculdade Nacional de Medicina, pelo Docente Waldemar Berardinelli nos anos de 1932 a 1935. Membro de bancas examinadoras na Cadeira de Clínica Propedêutica Médica da Escola de Medicina e Cirurgia, em 1937. Ex-Secretário da revista médica *O Hospital*. Livre Docente da Cadeira de Clínica Propedêutica Médica da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Professor interino da Cadeira de Clínica Propedêutica Médica da mesma Escola, em 1938.

Publicou também, Sr. Presidente várias obras. Entre elas, "O Normotipo Brasileiro", in *Biblioteca de Cultura Científica*, dirigida pelo professor Afrânio Peixoto, em 1934, "Semiótica Clínica do

Aparelho Genital", in *Biblioteca Universitária Brasileira*, dirigida pelo professor Helion Póvoa, em 1934 e ainda, *As Classificações Biotipológicas de Viola e Bárbara*, em 1938.

Recebeu várias condecorações. Convém mencionar as seguintes: Ordem Nacional do Mérito (Grande Oficial), Ordem do Mérito Militar (Comendador), Ordem do Mérito Tamandaré, Ordem do Mérito Santos Dumont e Cruz Vermelha Brasileira (Cruz do Mérito).

Eis, Sr. Presidente, em rápidas pince-ladas, o perfil do homem cuja falta estamos hoje lamentando. Foi desta para vida melhor. Deixa viúva inconsolável, Da. Iolanda Brown; deixa 3 filhas, Sr. Presidente, dois genros, deixa família honrada êle que tão honrado sempre soube ser na vida. Mas deixa também, Sr. Presidente, ao lado dêste entes que lhe eram mais íntimos, todos nós, que pertencemos à família do Poder Legislativo e que hoje estamos com o coração enlutado pois perdemos aquêle grande batalhador. Foi, como Cyrano de Bergerac, o personagem admirável daquele poema heróico, que terminou a vida sacando da sua espada, já malferido para a morte, dizendo: "Eu me bato, eu me bato, eu me bato numa luta quase desesperada contra a invulnerabilidade do destino." Isaac Brown, também foi assim: êle se bateu e trabalhou até o último momento. Não faltava a uma sessão do Senado, a uma sessão do Congresso; trabalhava de manhã até à noite e, muitas vezes, quando nós, também aqui, varávamos as madrugadas — e V. Ex.ª Sr. Presidente, é testemunha constante dêste procedimento — êle, o bravo

batalhador, o gigantesco homem público, estava sempre à testa das suas árduas e nobilitantes funções.

Aqui estou, Sr. Presidente, para, em nome da ARENA, traduzir o nosso pesar, pela perda lamentável, esperando que Deus o acolha na imortalidade da sua glória. (O orador é abraçado.)

O SR. MÁRIO COVAS:

Sr. Presidente, a Oposição da Câmara dos Deputados se associa também a esta mensagem de pesar pelo infausto acontecimento. Tôdas as palavras aqui ditas, com a emoção que lhe é habitual, pelo Líder do Governo, são, sem dúvida, a expressão mais incontestável do pensamento desta Casa toda. O perfil, a personalidade intelectual do extinto foi aqui traçada, ainda que em rápidas pinceladas, pelo Sr. Líder do Governo. Os seus méritos, os seus dotes, a sua vida funcional — toda ela pontilhada de exemplos — certamente não de, ao longo do tempo, ficar indelével em nossa memória e significar para todos aqueles que com êle conviveram, a melhor lembrança de sua personalidade.

Entretanto, duas ou três virtudes em Isaac Brown eu gostaria de destacar neste instante. Em primeiro lugar, a sua serena humildade. Era uma figura que, ao lado do Presidente do Congresso, ao lado do Presidente do Senado, praticamente desaparecia de nossas vistas e exercitava a sua tarefa de forma humilde, como convém àqueles que têm plena convicção de seu valor e que exercem efetivamente uma atividade consciente em prol de uma coletividade.

Mas não bastava isto: além desta serena humildade, a exação no dever, a maneira firme com que sempre solucionava, da forma mais perspicaz e cabal, tôdas as dúvidas que eventualmente nos assoberbavam, definindo de plano as controvérsias sobre o funcionamento do Poder Legislativo. Eram, sem dúvida,

razões que o credenciavam ao respeito de todos os parlamentares. Defensor incontestável das prerrogativas maiores do Parlamento, era, para todos aqueles que tiveram a oportunidade de privar com êle, um amante deste Poder, um homem que colocava acima de tudo o aprêço que tinha pelo funcionamento do Legislativo.

A Oposição, Sr. Presidente, associa-se a esta mensagem de pesar e formula também os seus votos para que Deus o receba e que, na sua vida extraterrena êle possa encontrar o merecido sossego. E que a sua jornada, toda ela pontilhada de lutas e de trabalhos em prol deste Poder, seja finalmente coroada daquele descanso que todos nós desejamos. (O orador é abraçado.)

O SR. DANIEL KRIEGER:

Sr. Presidente e Srs. Congressistas, reservávamo-nos às homenagens que devíamos prestar, na Câmara Alta, ao homem que hoje desapareceu e que foi nosso funcionário modelar. Tendo, no entanto, o Líder da Oposição nesta Casa do Congresso prestado uma homenagem justa, merecida e glorificada, não poderia o Líder do Senado Federal ficar omisso nesta sessão.

O homem que desapareceu era uma figura excepcional, pelas qualidades morais, pelos atributos intelectuais e pela devoção ao trabalho. Com êle convivi durante 13 anos e nesses 13 anos de convivência pude admirar a sua abnegação e o seu despreendimento. Tôdas as classes escolhem um patrono. Se o funcionalismo público devesse escolher um patrono, não poderia escolher outro homem que não Isaac Brown, pela honestidade, pela devoção, pelo amor ao Congresso e, principalmente, ao Senado da República.

É preciso pois, Sr. Presidente, que nesta hora se ouça a voz do Senado, proclamando que Isaac Brown foi um

homem modelar, que nós todos reverenciámos a sua memória; que seu trabalho constitui um patrimônio de admiração, um patrimônio de glorificação, e o seu nome, para nós, um motivo de regozijo e de respeito. E todos nós, em qualquer emergência, poderemos proclamar com orgulho que, se houve um funcionário modelar, esse foi Isaac Brown. (O orador é abraçado.)

O SR. BEZERRA NETO:

Sr. Presidente, é mais que um dever, é um preito de justiça e de saudade que o Movimento Democrático Brasileiro, pela sua Liderança no Senado da República, presta à memória de Isaac Brown.

Nós, neste registro, damos um depoimento de quem dia a dia, hora a hora, assistiu a vida daquele trabalhador, do homem que fez do trabalho uma devoção. Mas este trabalho é o dignificou ainda mais, quando o associou ao patriotismo, a uma constante preocupação de prestar todo o seu devotamento à Casa da Democracia Brasileira. O que o nosso País, o que a história política e legislativa do Brasil devem a Isaac Brown não consta ainda dos livros, não

consta ainda dos periódicos, da letra de fôrma, mas está no conhecimento e no coração de todos os homens públicos especialmente daqueles que passaram pelo Parlamento brasileiro. Isaac Brown na sua vida não conheceu repouso, não conheceu férias. É com sua morte, Sr. Presidente, que Isaac Brown vai pela primeira vez conjugar o verbo descansar. (O orador é abraçado.)

O SR. PRESIDENTE: (Pedro Aleixo)

Nas manifestações de pesar dos Srs. Líderes da Aliança Renovadora Nacional e do Movimento Democrático Brasileiro, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, estão largamente fundamentadas as razões pelas quais todos os Congressistas lamentam a morte do Sr. Dr. Isaac Brown.

Cumpré, portanto, à Presidência do Congresso o dever penoso mas sincero de associar-se a estas manifestações e considerar que a morte do Dr. Isaac Brown há de ser, realmente, consignada nestes Anais como motivo de sentimento geral do profundo pesar de todos nós, neste momento.

Na Câmara dos Deputados, na sessão ordinária do dia 23 de agosto, os Senhores Medeiros Neto e Cunha Bueno apresentaram requerimento pela inserção na Ata dos trabalhos de voto de profundo pesar pelo falecimento do Secretário-Geral da Presidência do Senado e do Congresso Nacional, enaltecendo ambos os parlamentares a figura do médico, do servidor público, do homem exemplar que foi Isaac Brown. A Presidência da Casa associou-se às homenagens prestadas ao ilustre desaparecido, através do seu Presidente, senhor Batista Ramos.

O SR. MEDEIROS NETO:

Sr. Presidente, no desfrutar desta faculdade regimental que V. Ex.^a me defere, começo por ler o requerimento seguinte:

“Requeiro a V. Ex.^a, com fundamento na preceituação regimental da Lei

Interna, em vigor, que seja consignado na Ata dos nossos trabalhos voto de profundo pesar pelo falecimento do ilustre patricio Dr. Isaac Brown, Secretário da Mesa do Senado Federal, ocorrido ontem, nesta Capital.”

Sr. Presidente, não poderia, por certo, olvidar-se a Casa de esta homenagem prestar à figura tão saliente e destacada da vida do Congresso brasileiro. Sabe V. Ex.^a que o médico ilustre Isaac Brown já se constituía, no linguajar dos corredores destas duas Casas, em a "biblioteca ambulante", Era o homem que se nos afigurava portador da estrutura espiritual do Senado em sua cabeça.

Na sua humildade aparente, era uma grandeza espiritual esfuziante, todos já o conheciam e o destacavam pelos seus méritos pessoais, pela sua grandeza moral, pela sua cultura, que já alcançara as lindes da Ciência. Fôra êle, Sr. Presidente, autor da única obra existente no Brasil sob o título *Biotipologia do Brasil*. Aos 67 anos de idade ainda aparentando saúde e destacando-se pela atuação, ninguém esperava que hoje, pela madrugada, viesse êle a morrer, deixando em aquela outra Casa o vazio, o vácuo, que só a perenidade de seu espírito ainda pode prover.

Funcionário há quase 40 anos, do Poder Legislativo desta República, servira na Câmara até 1937, quando da Constituição outorgada de 10 de novembro, e para o Senado da República viera em 1945, ocupando sempre, ali, o alto cargo de Secretário da Mesa.

Compartilhar desta fúnebre homenagem era um dever, Sr. Presidente, que nós tínhamos não apenas como reverência a uma grande alma, mas como um tributo a um grande funcionário daquela Casa do Congresso Nacional.

Em aprovando esta proposição que acabo de apresentar à Mesa da Câmara Federal, estou certo de que um preito de justiça fazemos, e convicto estou de que assim passaremos para o caminhar de amanhã, na certeza de que há uma realidade no Congresso: a de que êle forma homens para o serviço do Brasil. (O orador é abraçado.)

Vem à Mesa e vai à publicação o seguinte:

DISCURSO

Senhor Presidente da Câmara dos Deputados:

Nos termos regimentais, *requeiro a V. Ex.^a e à Casa a inserção na Ata dos nossos trabalhos da sessão ordinária de hoje voto de profundo pesar pelo falecimento do Dr. Isaac Brown, Secretário-Geral da Presidência do Senado Federal e do Congresso Nacional, falecido hoje nesta Capital.*

Justifico meu requerimento lembrando que o Dr. Isaac Brown foi no início de sua longa e brilhante carreira Datilógrafo, Taquígrafo e Taquígrafo-Revisor da Câmara dos Deputados, tendo alcançado essas posições pela porta larga do concurso. Oficial de Gabinete de vários Ministros da Justiça, participou de delegações ao estrangeiro, por incumbência tanto do Poder Legislativo como do Executivo. Médico laureado com o prêmio de Medicina da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, ocupou inúmeras posições de destaque no setor profissional, inclusive a de Livre Docente da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Condecorado pelo Governo do Brasil repetidas vezes, Isaac Brown na sua modestia nunca disse a ninguém das honras recebidas de governos de outros países.

Além dos inestimáveis serviços prestados por Isaac Brown ao Poder Legislativo, tanto na Câmara como no Senado, foi êle o incentivador e criador da Gráfica e da Diretoria de Informação Legislativa.

Lamentamos, assim, a perda de um brasileiro que soube cumprir rigorosamente seus deveres de cidadão e de funcionário.

Concluindo a nossa justificação, Senhor Presidente, poderíamos dizer que

Isaac Brown na sua figura de homem modesto e de poucas palavras bem poderá ser apontado, no futuro, como o símbolo de tantos anônimos que emprestam sua valiosa colaboração para que o Parlamento brasileiro possa cumprir seus elevados desígnios na vida e na história de nosso País.

Sala das Sessões, 23 de agosto de 1967.
— Cunha Bueno.

O SR. PRESIDENTE:

(Batista Ramos) — A Presidência associa-se às homenagens que foram hoje prestadas ao Dr. Isaac Brown, Secretário-

No Senado Federal, a sessão do dia 24 de agosto constituiu particular e sincera homenagem ao Dr. Isaac Brown, consagrado pela Casa, com "o reconhecimento coletivo e o aplauso geral, servidor público modelar".

REQUERIMENTO

N.º 733, de 1967

Exm.º Sr. Presidente do Senado Federal:

Faleceu, ontem, nesta Capital, o Dr. Isaac Brown, Ilustre Secretário-Geral da Presidência do Senado Federal, que o reconhecimento coletivo e o aplauso geral o consagraram servidor público modelar.

A Casa, por certo, vai cumprir o dever de homenagear a sua pranteada memória.

Em consequência, requeremos:

- 1) seja o período destinado ao expediente da presente sessão, dedicado ao preito de exaltação da vida e do destino do honrado extinto, constando dos anais um voto de profundo pesar;
- 2) seja dada ciência da manifestação do Senado à digna família enlutada.

rio-Geral das Mesas do Senado e do Congresso Nacional, falecido hoje nesta Capital.

Como todos sabem, o Dr. Brown foi sempre, como funcionário, um exemplo de capacidade de trabalho, de eficiência, de lealdade. Deixa saudades, não só no Senado Federal, como também nesta Câmara. A Mesa já solicitou ao Senhor 1.º-Vice-Presidente da Casa que a representasse nos funerais do extinto e também apresentasse à família enlutada os sentimentos de pesar desta Casa dos Srs. Deputados.

Brasília, 24 de agosto de 1967. — Eurico Rezende — Pedro Ludovico — Benedicto Valladares — Milton Campos — Ruy Carneiro — José Guimard — José Ermirio — Cattete Pinheiro — Moura Andrade — Camillo Nogueira da Gamma — Guido Mondin — Victorino Freire — Josaphat Marinho — Lino de Mattos — Desiré Guarani — Edmundo Levi — João Cleofas — Flávio Brito — Petrônio Portela — Renato Silva — Moura Palha — José Rolemberg — Menezes Pimentel — Adolfo Franco — Mem de Sá — Mário Martins — Fernando Corrêa — Wilson Gonçalves — Antônio Balbino — Bezerra Neto — Rui Palmeira — Dinarte Mariz — Argemiro de Figueiredo — Domicio Gondin — Mello Braga — Raul Giuberti — Duarte Filho — Daniel Krieger — Pessoa de Queiroz — Carvalho Pinto.

O SR. PRESIDENTE (Moura Andrade)

Nos termos do requerimento ora aprovado o período destinado ao Expediente da presente sessão será dedicado ao preito de exaltação da vida e destino do

honrado Secretário-Geral da Presidência do Senado, o extinto Dr. Isaac Brown.

Há oradores inscritos.

Tem a palavra o nobre Senador José Ermírio.

O SR. JOSÉ ERMÍRIO:

Sr. Presidente e Srs. Senadores, o Senado da República sofreu, na madrugada de ontem, uma perda irreparável. Desapareceu do nosso convívio, o Dr. Isaac Brown, Secretário-Geral da Presidência desta Casa. As homenagens que ora recebe a memória do ilustre morto, quero juntar o meu preito especial, nascido da admiração e do respeito que sempre nutri por êle e que agora se cristaliza numa saudade que a todos nos emociona e a todos acompanhará.

Cultuamos, em verdade, a memória de um servidor do melhor quilate, cuja dedicação às tarefas públicas alcançou o grau da mais impressionante evidência, que torna a sua passagem pelo serviço desta Casa como um exemplo ainda não superado de dedicação, de seriedade. Tinha o Dr. Isaac Brown a preocupação em ser exato, buscando, nas horas de trabalho, compenetrado e rendoso, armar-se de um silêncio interior admirável, infundindo no ambiente, em que êle lidava, calma e serenidade, atributos garantidores de uma execução produtiva. Foi um chefe do mais apurado gabarito e um amigo da melhor qualidade. Portava a beleza das almas nascidas para as grandes messes, fazendo do trabalho, que o absorvia, e do ambiente que o cercava, uma tenda iluminada sempre pela chama sagrada da devoção à causa pública.

Convivi com Dr. Brown, e, por felicidade minha, com assiduidade. Inabitualmente às lides do Parlamento, encontrei na sua palavra amena a permanente contribuição para os meus roteiros nesta

Casa. Convencido de que me armava do desejo e do interesse de cumprir o meu mandato da maneira melhor, o saudoso Secretário-Geral da Presidência sempre se colocava pronto para trazer-me a orientação consonante com os hábitos e as tradições da lida parlamentar. E aquilo que me era feito com tanta solicitude era naturalmente efetivado com todos os Senhores Senadores, com a sabedoria de um regente que, empolgado pelo valor da sonoridade, está sempre conferindo as pautas, aclarando os executores e colocando em ordem as partituras. E tudo isto, anônimamente.

Devotado em sua sala de trabalho ou mesmo, — e quantas vezes — perturbando o seu próprio descanso nas horas dedicadas ao lar, o Dr. Brown era sempre um dinamo a produzir bondade, inteligência e orientação.

O Senado da República perdeu um servidor indiscutivelmente exemplar e, nós todos, Senadores ou servidores, perdemos um amigo de qualidades raras. Deplorando a sua perda e levando à família a extensão de nossa amargura, afirmamos, ao final, que, no mundo em que vivemos, quase toldado pela escuridão, numa manhã triste de Brasília, uma radiosa luz se apagou. (Muito bem!)

O SR. ARGEMIRO DE FIGUEIREDO:

Sr. Presidente, êle não está mais aí. Não mais se encontra nessa Mesa o Dr. Isaac Brown. Venho prestar-lhe minha homenagem, homenagem comovida de amigo, homenagem do meu Partido, do qual recebi, neste instante, delegação para fazê-lo.

Sr. Presidente, não tenho palavras que possam exprimir a minha emoção. Falteceu inesperadamente no dia de ontem o Dr. Isaac Brown. A extensão desse desastre que desce, em tremendo impacto, sobre todos nós, que compomos o Senado da República, é realmente indefinível e incomensurável. A morte é, sem

dúvida, uma fatalidade. Ninguém pode fugir à tirania dêsse desenlace. Mas, às vezes, nos sentimos atônitos, diante de fatos tão chocantes, que nos dirigimos instintivamente a Deus, no lance de uma pergunta que não tem resposta: Meu Deus por quê fizestes isso? Por quê arrancastes do nosso convívio para o Além um homem que não se pertencia a si mesmo, nem à família, nem mesmo ao Senado, porque era, na vida, um exemplo e um modelo de mais amplos horizontes? Um patrimônio nacional de honradez, de espírito público e de singular compreensão dos deveres. O Senado está de luto. O luto que é dor, que é desolação, que é lágrimas.

Nesta altura de minha vida pública, já tendo governado um Estado, onde tive a cooperação de grandes valores humanos, tendo ocupado durante cinco anos, uma cadeira na Câmara dos Deputados, e figurado no Senado da República por mais de doze anos, devo confessar a Vossa Excelência, Sr. Presidente, que nunca me encontrei com um homem e com um funcionário que somasse, num milagre de perfeição humana, as virtudes e as qualidades excepcionais de Isaac Brown. Modesto, até às ralas da humildade, poucos lhe conheceram os índices de cultura. Cultura geral, que abrangia até setores estranhos aos quadros específicos de sua atividade profissional. Era médico. Mas, nem todos os juristas o igualavam num aferimento de mérito. Modesto e sóbrio, quando lhe arrancávamos, com esforço, uma opinião sobre matéria complexa, ele sustentava macio e delicado a doutrina que esposava. E a enriquecia de logo com a citação de casos análogos ou idênticos, registrados nos mais antigos e nos mais recentes Anais da história jurídica do Senado Federal. E não custava a demonstração. Exibia as fontes, ordenadas e guardadas com zelo e carinho, nas estantes de sua Secretaria, onde tudo era ordem e disciplina sem par. Os problemas do Regi-

mento, o comum às duas Casas do Congresso, e os peculiares a cada uma delas, ele os conhecia em detalhes e os apontava com a rapidez e a segurança, como se tudo lhe estivesse luminosamente gravado na memória privilegiada.

Como homem e chefe de família parecia um apóstolo. Um apóstolo do bem, da bondade e da mais singular correção de atitudes. Era justo, sem transigência, no setor funcional. Ninguém teria força para conduzi-lo ao deslize comprometedor. Se preferências ele tinha no trato com os seus subordinados, poucos as conheciam. E se as tinha, era no ângulo do critério de assinalar os mais capazes na execução do serviço público. Suas advertências nunca tiveram o cunho do autoritarismo nem da humilhação. Tinha a sensibilidade do respeito humano. Era generoso, sem quebra de autoridade.

Ninguém, neste mundo, poderia excedê-lo em capacidade de trabalho. Ao romper o dia, deixava o lar e partia na busca de sua verdadeira Casa, que era o Senado da República. Aquí, quase sempre, fazia as refeições em marmitas de operário. E o fazia para não perder tempo. O tempo necessário aos trabalhos de rotina. E o tempo para esquematizar os planos de melhoria do funcionamento desta Casa. A Gráfica que aí está e que deve ter, por justiça o seu próprio nome para firmá-lo em nossa lembrança, foi o seu último sonho. Tinha um ciúme sagrado por essa organização. Orgulhava-se, por igual, da Diretoria de Informação Legislativa.

Eu sempre temi êsse desfecho que ontem nos comoveu e esmagou o coração. Por duas vezes eu o vi tombar nessa Mesa, Sr. Presidente, de esgotamento físico ou de estafa, pelo excesso dos trabalhos que lhe eram cometidos.

O Sr. Josaphat Marinho — Permite V. Ex.^a um aparte?

O SR. ARGEMIRO DE FIGUEIREDO:

— Pois não.

O Sr. Josaphat Marinho — Vossa Ex.^a Senador Argemiro de Figueiredo, como já declarou, fala e com muita propriedade, por todos nós, integrantes do MDB. Permita-me, porém, que no seu discurso, insira uma palavra de homenagem e de apreço a Isaac Brown. Ao ingressar nesta Casa, em 1963, dêle permaneci distanciado por alguns meses. A contenção do seu comportamento não permitia aproximação instantânea. A convivência, porém, nos trabalhos desta Casa, permitiu-me observar-lhe a correção no serviço e conduziu-me a prestar-lhe, sempre, a homenagem de respeito, devida aos homens que cumprem dignamente seu dever. Depois, dada a aproximação, vendo seu entusiasmo por tudo quanto dizia respeito ao Congresso Nacional, ao prestígio da instituição, à preservação de sua autoridade, ao resguardo de sua eminência no quadro dos poderes institucionais do Estado, pude converter o apreço em admiração e em estima. Neste instante, é a estima do amigo que, através do discurso de V. Ex.^a, quero deixar consignado num testemunho de grande saudade.

O SR. ARGEMIRO DE FIGUEIREDO:

— Agradeço a V. Ex.^a, Senador Josaphat Marinho, o aparte que vem melhorar as condições do meu discurso, escrito, naturalmente, com a perturbação emocional que venho sentindo desde o desaparecimento do Dr. Isaac Brown.

Sei da estima que êle tinha por V. Ex.^a. Essa estima tinha no espírito do grande morto duas fontes que a justificavam. Uma emergia das virtudes pessoais de V. Ex.^a, dêsse espírito comunicativo e afetuoso com que mantém e amplia sempre o seu núcleo de relações pessoais. A outra porque êle via em V.

Ex.^a — talvez V. Ex.^a não se tenha apercebido disto — um dos colaboradores constantes da revista desta Casa, da revista organizada pela Diretoria de Informação Legislativa, criação do Grande Presidente que aqui está dirigindo os nossos trabalhos. Essa afeição especial nascia também disto, nobre Senador Josaphat Marinho; êle tinha em V. Ex.^a pelo brilho de sua cultura, por sua inteligência, pelo seu espírito público, tinha nos seus pronunciamentos matéria para enriquecer aquela Revista, que sem dúvida alguma constitui patrimônio de inteligência e cultura, não só do Senado mas do Congresso, não do Congresso mas das próprias letras jurídicas, sociais e econômicas dêste País.

Prosseguindo, Sr. Presidente:

Por muitas vêzes vi dobrar-se, naquela mesa, de cansaço, o Dr. Isaac Brown.

Mas, nunca se queixou a ninguém dos males que o afligiam. Essa renúncia à vida tinha o caráter de uma sublimação.

Perdemos ontem, Sr. Presidente, o maior funcionário dêste País, que figurava nos quadros do Senado Federal. Nunca mais o veremos naquela Mesa, ao lado do Presidente, indo e vindo com processos a julgar e os Regimentos apontados para solução das questões de ordem.

Viveu trabalhando e morreu trabalhando. Trabalhando como um herói, numa batalha gloriosa e sem fim. Ontem o contemplei pálido, macilento, imóvel, em repouso eterno. As lágrimas rolaram-me pelas faces. Ali estava o contraste brutal. Erecto, rígido, parado para sempre, o homem que, na vida nunca soube parar. Ninguém o esquecerá jamais. Eu jamais o esquecerei.

Sr. Presidente, muitos se tornam imortais para a posteridade pelas correntes, do afeto, das grandes posições que ocuparam e dos serviços prestados ao povo em etapas históricas. Ficam nos

pedestais, nas ruas, nas praças, em monumentos erigidos pela mão dos homens. Isaac Brown é possível que não tenha dessas consagrações. Talvez um retrato modesto nas paredes desta Casa. Talvez o seu nome na Gráfica do Senado, relembrando-lhe a memória. Vossa Excelência, Sr. Presidente, que foi o seu maior amigo, faça emergir de sua dor, alguma coisa que perpetue neste Senado a passagem e a vida do herói. Sei, entretanto, que o Dr. Brown nunca pensou nisso. E estou certo, por igual, de que ele, se ainda falasse, repeleria toda homenagem, que lhe quiséssemos prestar pelo impulso da simplicidade e da modéstia que sempre marcaram o seu espírito. A verdade, porém, é que, sem o querer, ele próprio forjou o monumento de sua imortalidade. Nós jamais o esqueceremos, quero repetir. Para lhe perpetuar a memória digamos aos nossos filhos que neste mês fatídico de agosto levaram da nossa Casa e dos nossos olhos para nunca mais voltar, o maior e o melhor funcionário dos quadros da vida pública do Brasil.

Era o que tinha a dizer. (Muito bem!)

O SR. RUY CARNEIRO:

Sr. Presidente, Srs. Senadores, pela voz do meu Partido já ocuparam a tribuna do Senado, nesta homenagem que prestamos a Isaac Brown, o Senador José Ermírio de Moraes e o Senador do meu Estado, Argemiro de Figueiredo. Pelo segundo, se esta homenagem fosse prestada pelo meu Estado, eu estaria dispensado de fazê-lo. Mas, Sr. Presidente, esta é a homenagem de um coração nordestino chelo de afetividade, que exalta aquêle coração que parou ontem. Também tenho a honrosa incumbência de falar em nome da Imprensa com atuação nesta alta Câmara.

Sr. Presidente e Srs. Senadores, não é difícil falar sobre a figura de Isaac

Brown. Entretanto, é-me doloroso fazê-lo. Os Senadores remanescentes de outras legislaturas, e os funcionários mais antigos não desconhecem as ligações fraternais que me ligavam àquele excepcional servidor público cuja memória estamos reverenciando. Daí a emoção profunda com que me apresento nesta tribuna para falar sobre a vida, a obra e os exemplos que nesta Casa deixou Isaac Brown. Fá-lo-ei superficialmente, mas com o calor humano que merece ser empregado neste elogio fúnebre.

Conheci-o, quando eu era Deputado Federal e ele primelro-taquigrafo da Câmara, cargo este conquistado por concurso, como todos os outros que exerceu. Todas as suas magníficas vitórias foram conquistadas no decorrer de sua existência, graças à sua brilhante inteligência, preparo e com sacrifícios extraordinários de toda ordem.

Como bem acentuou o Senador Josaphat Marinho, não era fácil alguém entrar na sua intimidade. Mas a minha admiração e estima, o meu sentimento de afeição cresceram, quando eu descobri que ele, como médico, trabalhava numa policlínica em Copacabana, Rio de Janeiro, recetando gratuitamente aos pobres daquele bairro.

Era preciso fazer essa amizade. E eu, ajudado pelo meu temperamento comunicativo, o fiz na certeza de estar cultivando a amizade de um dos melhores caracteres com que até hoje convivi na minha vida pública.

Sr. Presidente, nesta Casa, aos sábados e muitas vezes, aos domingos, fazia-lhe visitas no seu gabinete que foi, na realidade, a sede do seu lar. E ele, apesar da nossa amizade, da confiança absoluta da minha parte, sempre me tratava como Senador. Não havia reclamação para modificar este tratamento.

Essa era uma das singularidades que distinguiam o Dr. Isaac Brown. Ontem

mesmo pela madrugada, quando fui surpreendido pela estarrecedora notícia do seu prematuro passamento, compareci imediatamente, ao Pronto Socorro, onde tive a ratificação do doloroso ocorrido. Naquela unidade hospitalar de urgência de Brasília, fui recebido por um modesto servidor que, entre admirado e comovido, me dizia: Que homem forte, Senador! Entrou andando com os próprios pés até chegar à cama e, apenas ajudado por mim e seu genro, Dr. Cláudio Costa, deitou-se e imediatamente exalou seu último suspiro.

Este fato registro apenas para patentear a sua extraordinária força de vontade e resistência moral segundos antes de morrer, atacado por um edema pulmonar agudo. Não permitiu ser levado na maca para o seu leito de morte.

Sr. Presidente, até na hora da morte ele foi forte, ele foi extraordinário!

Sr. Presidente, poderia parecer a alguém que ele era um tímido mas absolutamente não o era e sim, como todos os valores humanos, conservava permanentemente uma grande dosagem de modéstia que dava um colorido especial à sua personalidade.

A todos nós tratava com respeito mas absolutamente a sua coluna vertebral não se curvava a ninguém! E, por isso mesmo, era sempre respeitado. Respeitado por isso mesmo e por todos os exemplos grandiosos da sua existência pontilhada de atos dignos e nobres. Foi um homem, Senhor Presidente, que viveu, lutou e morreu por esta Casa e merece, precisamente, a homenagem que lhe tributamos esta tarde.

Ninguém é insubstituível, sabemos disto, mas dificilmente, V. Ex.^a, Senhor Presidente, encontrará um émulo de Isaac Brown. Tanto isto é verdade, Sr. Presidente, que hoje quando vim ao Senado inscrever-me para falar nesta sessão, encontrei V. Ex.^a pessoalmente no Gabinete do saudoso Secretário-Ge-

ral, cercado dos seus antigos assessôres, dando ordem às tarefas que deveriam ser por ele executadas.

Não é demais recordar neste momento as várias missões que ele realizou no estrangeiro. E o fazia com tanta eficiência e zelo que dava margem a brincadeiras de Senadores e amigos estranhando que jamais alguém conseguiria, nem os Chefes das Missões, desviá-lo do trabalho como Secretário, para alguns momentos de recreação, como era natural. Não quer isto dizer exagero, porque ninguém comete exagero ao servir bem e ao cumprir com seus deveres. Era sistema peculiar dele e assim levou toda sua existência. Nós hoje aplaudimos seus exemplos cheios de saudade pela perda irreparável da sua assistência.

Sr. Presidente e Srs. Senadores, estou pontilhando este meu modesto depoimento, com certas ocorrências que envolvem a vida pública de Isaac Brown, que somente enobrecem a sua memória.

Certa vez, o nobre Senador Josaphat Marinho, que vinha cooperando com o brilho de sua inteligência e de sua sólida cultura na *Revista de Informação Legislativa*, tocou o telefone para falar com o Dr. Isaac Brown, a respeito de assunto dos nossos trabalhos. Quando o Senador concluía a conversa, o Dr. Brown, com aquela sua maneira peculiar, com a respeitabilidade costumeira ao se dirigir a todos nós, inclusive a mim que me considerava seu fraternal amigo, disse ao Senador: "V. Ex.^a vai-me dar licença. Não esqueça que vamos agora tirar o 12.º número de nossa revista e a colaboração, a cooperação de V. Ex.^a é indispensável!" Deve ele ter sensibilizado profundamente o Senador Josaphat Marinho, ilustre representante da Bahia. Isaac Brown sabia dar valor a quem merecia.

A propósito da revista que indiscutivelmente é uma perfeição sob todos os aspectos, na véspera do seu passamento ele recebia carta da Alemanha conten-

do os maiores encômios a essa publicação executada na Gráfica do Senado sob sua orientação.

Assim, Sr. Presidente, temos uma série extraordinária de fatos relacionados com a vida desse homem. Se alguém, nesta Casa ou fora dela, tem dele qualquer mágoa, é porque não o compreendeu. Perdoá-lo é dever de todos, pois era um homem justo, digno, nobre, incapaz de praticar intencionalmente um mal.

Sr. Presidente, o **Correio Braziliense**, de hoje, publica o **curriculum vitae** do Dr. Brown. Penso que todos o leram. É documento que enfecha a sua atuação em diferentes setores da atividade humana. Considero-o herança valiosa aos seus descendentes.

Infelizmente não tenho filhos; se os tivesse, pediria a Deus que eles seguissem os exemplos de Isaac Brown, como símbolo de virtudes e pureza.

Sr. Presidente, quando da inauguração de Brasília, o Presidente da Casa, o nobre Senador Filinto Müller, o destacou para vir orientar nossas instalações aqui. Imenso foi o seu sacrifício, porém nada ele reclamava. Diabético, necessitando de dietas, entretanto, para cumprir bem o seu dever, enfrentou tôdas as vicissitudes e a sua missão árdua e penosa foi religiosamente desempenhada. Procurou, com seu sacrifício pessoal e dos companheiros que constituíam a equipe de funcionários sob seu comando, acomodar da melhor forma possível os trabalhos do Senado da República. Agora, Brasília o acolhe numa retribuição aos serviços que lhe prestou, para que o seu corpo inanimado tenha no seio da terra deste Planalto o seu eterno descanso.

Presumo, Sr. Presidente, que o objetivo de Isaac Brown seria morrer trabalhando. E assim o fez como um herói do cumprimento do dever. O Senado da República perdeu o seu modelar auxiliar e o Brasil perdeu um dos seus melhores servidores. **(Muito bem!)**

O SR. EURICO REZENDE:

Sr. Presidente, Srs. Senadores, Senhores Funcionários do Senado Federal, Srs. da Bancada da Imprensa, sem dúvida alguma, somente na revelia da morte teríamos esta oportunidade, quanto ao Dr. Isaac Brown, de exaltar sua vida e de enaltecer o seu destino e a sua obra. Porque, se vivo fôsse, se Deus não o houvesse convocado para a gloriosa tarefa da colonização da eternidade, êle, mercê da sua modéstia e, principalmente, da contenção do seu temperamento, não nos permitiria, em nenhuma fase do seu exercício funcional, romper as resistências da sua simplicidade, eis que se considerava apenas o titular e o instrumento do dever normalmente cumprido. Daí a sua conhecida aversão às vozes congratulatórias, o que era uma constante inarredável da sua personalidade.

Guardai, Sr. Presidente, do emocionante discurso que acaba de proferir o ilustre Senador Argemiro de Figueiredo: "o Dr. Isaac Brown foi um patrimônio nacional."

Sim, **patrimônio nacional**. A frase é uma síntese e a locução retrata, fielmente, o valor daquele funcionário modelar, que se tornou, pelo trabalho, trabalho mesclado de heroísmo e de sacrifício, o impressionante locatário da gratidão do Estado e do País.

Eu direi — e creio que interpretando o pensamento da isenta justiça de todos — que o Dr. Isaac Brown, em termos de funcionário, foi um sábio, e, em termos de espírito público, foi um servidor apostolar.

Ninguém jamais o superará na dedicação, na pertinácia, na eficiência, no amor ao Poder Legislativo, na devoção à Pátria. E nem os cansaços, nem as fadigas, de todos os dias, de tôdas as horas, quaisquer que fôssem os episódios e as circunstâncias, conseguiram perturbar os seus passos e os seus caminhos na

admirável e estugante jornada da entrega da "mensagem a Garcia". E pelejou até o último instante, morrendo na trincheira e na oficina do seu trabalho.

Posso, também, Sr. Presidente, dar o meu depoimento, tão valioso e autêntico, quanto o de outros Senadores que há mais tempo se encontram pontificando nesta Casa. Tôdas as manhãs, pela altura das 7 horas, *penetro no Senado Federal*. Em nenhuma das vezes deixei de encontrar, naquele longo salão da diretoria a longa figura do Secretário-Geral da Presidência; não apenas a sua presença física, mas a sua absorção pelo trabalho, em contato com os processos, com os projetos, com os documentos, vigiando, prevendo, provendo e, assim, assegurando o ordenamento impecável dos serviços da Casa e do Congresso. Dedicava sua atenção e seu talento na plenitude dos dias úteis e, igualmente, aos sábados e feriados e, muitas vezes, aos domingos.

Todos nós acompanhamos, presencialmente, o seu sacerdócio funcional. Aquilo não era capacidade de trabalho. Era muito mais. Tratava-se de uma verdadeira obsessão religiosa, uma espécie de fanatismo no cumprimento de suas obrigações. E, nesse mister gigantesco, quase sobrenatural, *êle, na alternância dos dias e das noites, ia retirando pedaços da saúde, que deveria ser um patrimônio sagrado de sua família, para entregar ao serviço do Senado, do Congresso e da Nação.*

Sr. Presidente, poucas homenagens póstumas, durante toda a minha vida pública, tiveram para mim um cunho de tão emocionante sinceridade, como o preito com que nos despedimos do velho líder.

O Dr. Isaac Brown era um homem de amizades silenciosas. Não mantinha sua intervência através da euforia espiri-

tual nem da exuberância ou do esbanjamento sentimental. Nesse ângulo, residia uma de suas virtudes, por que rigoroso e intransigente na seriedade, selecionava os amigos e os colocava como decorrentes de um julgamento de consciência. E as lágrimas que se verteram ontem e que continuam a irrigar hoje nossas faces representam o pranto pelo respeito e pelo reconhecimento. Mais do que afetividade, *elas apresentam e desnudam um veredito sobre o seu destino de benemerência, de alta e eloquente benemerência.*

Há uma sentença lapidar, insculpida na tela da História, que atravessa a poeira dos tempos e que marcha com o perpassar dos séculos: "Os Mortos governam os Vivos".

Esse grande mistério da fé nos permite dizer aqui, na angústia e no sofrimento desta solenidade, que Isaac Brown continuará governando.

Governará sua família, pela saudade imperecível.

Governará seus amigos e admiradores pela recordação de sua imperturbável respeitabilidade.

Governará os funcionários públicos do Senado e do Brasil, pelo exemplo de correção, de capacidade de trabalho, de espírito público, de dedicação impar, em *têrmos superavitários, exemplo, não apenas digno de ser aplaudido e seguido, mas, principalmente, digno de ser imitado.*

Sr. Presidente, para que fique gravado nos Anais da Casa — e falo em nome da ARENA e do Governo — vou ler o *curriculum vitae* do Dr. Isaac Brown, obtido d'êle na revelia da morte, porque a modéstia, e, mais do que a modéstia, a imbatível resistência do homenageado jamais o permitiria;

"Nascido a 15-4-1900.

Filho de Jorge Brown e Amélia de Medeiros Brown.

Carreira e Títulos Funcionais

Amanuense da Prefeitura do antigo Distrito Federal, por concurso, em 1926.

Dattlógrafo, por concurso, da Câmara dos Deputados, em 1926.

Segundo-Taquígrafo, por concurso, da Câmara dos Deputados, em 17 de junho de 1929.

Promovido a Primeiro-Taquígrafo, da Câmara dos Deputados, em 23 de agosto de 1934.

Promovido a Taquígrafo-Revisor, da Câmara dos Deputados, em 7 de março de 1939.

Oficial de Gabinete dos Ministros da Justiça, Francisco Campos, Marcondes Filho, Agamemnon Magalhães, Sampaio Dória e Carlos Luz, de novembro de 1941 a setembro de 1946.

Nomeado Secretário-Geral da Presidência do Senado Federal, em 12 de janeiro de 1946.

Missões no Exterior

Participou da Delegação do Brasil à posse do Presidente do Chile, Sr. Gabriel Gonzalez Videla, cheflada pelo Vice-Presidente da República, Dr. Nereu Ramos, em 1946.

Acompanhou, como Secretário, o Vice-Presidente do Senado Federal, Senador Marcondes Filho, em viagem oficial à Europa, para estudar a organização e o funcionamento dos Parâmetros da França, Inglaterra, Portugal, Espanha, Itália e Bélgica, em abril de 1952.

Títulos Científicos

Diplomado em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1931.

Laureado com o Prêmio de Medicina de 1933, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Ex-interno da cadeira de Clínica Propedêutica Médica, da Faculdade Nacional de Medicina, a cargo do Professor Rocha Vaz, em 1931.

Ex-assistente extranumerário da mesma cadeira de 1932 a 1935.

Ex-assistente extranumerário da 1.^a cadeira de Clínica Médica, da Faculdade Nacional de Medicina, a cargo do Prof. Rocha Vaz.

Ex-assistente do Serviço de Clínica Médica, da Policlínica de Copacabana.

Ex-Chefe dos Serviços de Doenças do Aparelho Respiratório e de Clínica Médica, da mesma Policlínica.

Ex-Diretor da referida Policlínica.

Ex-assistente da cadeira de Clínica Propedêutica Médica, da Faculdade Nacional de Medicina (Curso regido pelo Prof. Fioravanti Di Piero, em 1937).

Ex-assistente dos cursos equiparados de Clínica Médica, lecionados, na Faculdade Nacional de Medicina, pelo docente Waldemar Berardinelli, nos anos de 1932 a 1933.

Membro de bancas examinadoras na cadeira de Clínica Propedêutica, da Escola de Medicina e Cirurgia, em 1937.

Ex-Secretário da revista médica **O Hospital**.

Livre Docente da cadeira de Clínica Propedêutica Médica, da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Professor interino da cadeira de Clínica Propedêutica Médica, da mesma Escola, em 1938.

Obras Publicadas

“O Normotipo Brasileiro”, in **Biblioteca de Cultura Científica**, dirigida pelo Prof Afrânio Peixoto, em 1934.

“Semiótica Clínica do Aparelho Genital”, in **Biblioteca Universitária Brasileira**, dirigida pelo Prof. Helion Póvoa, em 1934.

As Classificações Biotipológicas de Viola e Bárbara, 1938.

Condecorações

Ordem Nacional do Mérito (Grande Oficial).

Ordem do Mérito Militar (Comendador).

Ordem do Mérito Tamandaré.

Ordem do Mérito Santos Dumont.

Cruz Vermelha Brasileira (Cruz do Mérito).

Ordem de Rio Branco (Comendador).

Eis aí, Srs. Senadores, o elenco dos feitos, das conquistas e das distinções do pranteado extinto, que representa apenas um pequeno blombo, atrás do qual, na seqüência de longos dias e de longas noites, desenvolveu-se a caminhada do saudoso mestre da função pública, que ontem deixou vazia, diante do desafio do futuro em direção ao seu sucessor, a cátedra de Secretário-Geral da Presidência do Senado Federal.

Muitas vêzes, o homem supera o seu próprio currículo.

Assim foi o Dr. Isaac Brown.

Com estas palavras, em nome da Aliança Renovadora Nacional e do Governo, quero significar à sua família a sinceridade da nossa consternação, teste-

munhar aos nossos nobres colegas a dor que sentimos pelo seu desaparecimento e enviar as nossas condolências à admirável comunidade funcional desta Casa.

Sobre o seu túmulo, numa genuflexão espiritual, depositamos a flor, a orvalhada flor da nossa saudade.

E sobre a eternidade da sua memória espargimos o incenso da nossa homenagem, da nossa gratidão e da nossa prece. (Muito bem!)

O SR. MEM DE SÁ:

Senhor Presidente, Srs. Senadores, peço perdão a V. Ex.^a pela coagida contenção e sobriedade que sou forçado a imprimir às minhas palavras.

Entretanto, não pude deixar de cumprir o que considero um dever, nesta hora — tornar expressa, se possível, pequena parte da imensa admiração que voto a Isaac Brown.

Ao fazê-lo, Sr. Presidente, desejo acentuar o que ficou, talvez, apenas implícito nas orações dos eminentes Colegas que me antecederam, mas quero explicitar — e talvez seja a única contribuição que traga a estas homenagens — quero explicitar que não choro, neste momento, o Doutor Isaac Brown. Vou além, dizendo que não tenho pela morte dêle a menor pena, o menor sofrimento. Luto, sofrimento, pena, pêsames tenho e apresento a V. Ex.^a, Sr. Presidente, porque sei que V. Ex.^a não poderia ter sido, como ninguém poderia ter sido Presidente com eficiência nesta Casa sem ter por trás, como anjo-da-guarda permanente, Isaac Brown; luto, sentimento, dor, compreendo que tenha a família de Isaac Brown, provavelmente ainda imersa no terrível golpe que sobre ela se abateu; luto, dor, sofrimento temos todos nós, do Senado, porque todos nós é que perdemos com o falecimento dêle. Não êle.

Ele talvez seja o único feliz. E, ontem, enquanto estava meditando, por ocasião das cerimônias religiosas, fui abordado por uma môça, que não conhecia, funcionária da Câmara, que me fez uma estranha pergunta para aquêlo momento. Perguntou-me como eu considerava a morte. Respondi-lhe que, no caso do Dr. Isaac Brown, eu a considerava como uma resurreição. E acrescentei: sou crente, como o Dr. Isaac Brown era. Portanto, o Dr. Isaac Brown, como eu, não deve ter esquecido a palavra de Cristo: "Ego sum via et vitae".

Se é possível, sem blasfêmia, alguém dizer que conheceu um santo, podemos dizer que o Dr. Isaac Brown o foi.

Realmente, nenhum de nós, dos mais antigos nesta Casa, jamais pôde apontar ou perceber-lhe o que a Igreja chama de pecado, mesmo venial, porque êle, além da fé que tinha na sua religião, criou para si uma segunda religião, complemento da primeira, ou criou um modo de cultivar a sua religião, que foi o trabalho.

Ele se dedicou a esta Casa. Creio mesmo que, depois de haver organizado a família, depois de lhe haver dado bases estáveis, depois de ter assegurado o ritmo e a harmonia de uma família perfeita, êle como que se desviou dela para entregar-se a uma obra maior do que a do círculo restrito dos seus familiares: uma obra da Pátria. E essa obra êle concentrou nesta Casa.

Realmente, o Senado passou a ser o culto de Isaac Brown. Para o Senado, êle viveu, pelo menos desde 46. Mas viveu integralmente. Penso que êle se doou, se deixou queimar, fez doação integral de seu ser à causa do Poder Legislativo, no Senado da República.

O Sr. Bezerra Neto — Permite-me V. Ex.^a, Senador Mem de Sá? (Assentimento do orador) — Trabalhava de tal modo que não poderia ter tempo para pecar.

O SR. MEM DE SÁ:

— Exatamente. Ele transformou num culto e, nesse culto, não podia pecar porque era a permanência, a continuidade, sem interrupções, desta abnegação integral.

E eu me lembro de vê-lo, não apenas doente pelos diabetes mas ainda sofrendo o martírio de uma nevrite que lhe causava dores verdadeiramente indizíveis, sem se deixar vencer nem intimidar, ao contrário, sobrepondo-se às contingências físicas, para continuar o seu sacrifício. Sacrifício que se repetia todos os dias, das sete horas da manhã até quando fôsse necessário.

Eu pude acompanhar, nos anos anteriores, por ocasião do Governo do Marechal Castello Branco, quando o Poder Legislativo teve uma carga como jamais tivera, nem provavelmente terá, eu vi a capacidade insuperável, capacidade quase sobrenatural, capacidade que só se podia compreender como alimentada e sustentada por uma força extraterrena, do Dr. Isaac Brown. Começar às 7 horas da manhã, comer em marmita como lembrou o Senador Argemiro de Figueiredo, ficar aqui, permanecer até às 18 horas, tornar a comer escondido, atrás de um armário, para ir à sessão do Congresso e lá ficar até a madrugada. E, no dia seguinte, as 7 horas novamente se achar no pôsto. As vêzes, com o rosto macerado, com a expressão amargurada, como que corroído por uma dor interna, mas sempre impassível, na sua dedicação, sempre integral no seu devotamento.

De tal maneira, que me parece que o Senado girava em tórno d'ele e que nós estamos hoje e continuaremos durante algum tempo, como uma esfera que perdeu o seu eixo. E até encontrá-lo esta Casa sofrerá um colapso que só a dedicação dos amigos e dos seguidores de Isaac Brown poderá suprir.

Ele era como que um nóvo Atlas a carregar, sózinho, o Senado Federal. Não pretendo, com isso, dizer que mais ninguém aqui trabalhasse, ele tem, aí estão nas tribunas atrás de V. Ex.^a, nas poltronas, ele tem os seus discipulos os seus devotados, aquêles que viam em Isaac Brown não apenas um chefe, mas um modêlo, um paradigma talvez inatingível.

Eu os vi ontem chorar; eu os vi ontem, alguns d'eles, sofrendo crises nervosas por ver que um homem que já não mandava, lhes fazia, daquele momento em diante, por não mais mandar, uma falta irresgatável.

Assim, Sr. Presidente, penso que Isaac Brown, hoje está feliz. Cumpriu a sua vida. Ele realizou a sua vida como muito poucos de nós poderão realizar.

Ele a realizou de uma forma gloriosa, esplendorosa. A sua vida, ele a concentrou em missão que cumpriu até o último instante, sem qualquer desfalecimento sem qualquer redução no ritmo, da marcha, no continuado amor.

De modo que, hoje, é feliz, pode olhar — se lhe é lícito — para a sua vida e a ver plena, soberana, solar, sem jaça, sem mácula, sem pecado.

O eminente Senador Argemiro de Figueiredo lembrou que V. Ex.^a, Sr. Presidente, deveria encontrar, na sua imagi-

nação e no seu talento, uma forma de homenagear Isaac Brown. Estou de pleno acôrdo com a idéia a que dou total solidariedade. Mas — quero acrescentar — penso que a homenagem não deve ser prestada a ele, por ele, porque ele as dispensou em vida e as dispensará depois da morte.

Era um homem indiferente, totalmente indiferente à sedução, às vãs glórias, às lantejoulas que fazem os homens tão tolos, tão roídos de ambição, tão devastados pela vaidade. Não, portanto, uma homenagem a Isaac Brown por ele, uma homenagem a Isaac Brown pelo Brasil, para o Brasil, em beneficio do Brasil, para os funcionários públicos.

Nós, Sr. Presidente, somos um País e um povo que herdou o sangue de portugueses, de negros, de índios. Vivemos debaixo do sol dos trópicos ou do Equador. Por isso, somos um povo apaixonado, emocional, um povo ainda não afeito nem conhecedor do sacrificio em vão, do trabalho ingente, do trabalho obscuro e humilde.

Assim, Isaac Brown pode e deve ser homenageado para que o Brasil, para que os trabalhadores do Brasil, os servidores públicos do Brasil saibam que esta Pátria reconhece e enaltece os que a dignificaram, os que a constróem.

O Departamento Administrativo do Serviço Público — DASP, criado, ainda no tempo do Presidente Getúlio Vargas, teve uma idéia semelhante, realizada apenas uma vez. O DASP, crelo que no ano de 1939 ou 1940, em homenagem solene e pública, expediu o diploma de funcionário público n.º 1 e o conferiu ao Dr. Mário Augusto Teixeira de Frei-

tas, criador e realizador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Realmente, um homem, como Isaac Brown, santo, um homem como Isaac Brown extremamente, inteiramente dedicado ao Brasil, ao trabalho. A homenagem foi, portanto, justa: Mário Augusto Teixeira de Freitas, funcionário público n.º 1. Nunca mais foi dado esse título a alguém, ninguém, entretanto o merece mais do que Isaac Brown.

Creio que, assim, esta seria uma homenagem a ser prestada pelo Senado Federal, que, por qualquer forma, deveria proclamar que Isaac Brown, nestas últimas décadas, foi o funcionário público n.º 1, o homem sem igual, no devotamento a uma causa, a uma instituição e a uma democracia.

Agora ao ouvir os discursos em que essas facetas foram tão bem acentuadas, vem-me à memória passagem de leitura de minha mocidade. Anatole France escreveu um livro, que ficou clássico, sobre a Revolução Francesa e deu a ele o título *Les Dieux ont Soif*.

A crítica universal proclamou que nenhum livro, até hoje, traçou tão vivamente, não a história da Revolução, mas o ambiente criado dentro da Revolução Francesa. Naquela conturbação de todos os dias, em que as facções sucediam a outras facções, em que os vitoriosos da véspera eram levados ao cadafalso pelos vencedores do dia seguinte, no meio daquele verdadeiro pesadelo ou terremoto de sangue e de dor, conta Anatole France que havia um funcionário, um revolucionário, indiferente a todos os acontecimentos, a todas as intrigas, a todas as crises, a todas as mutações, a todas as

perturbações. Na sua mesa de trabalho, com uma lâmpada que lhe desse luz suficiente para continuar escrevendo, com uma velha pena de pato, continuava incessantemente, dia e noite, cumprindo o seu dever, levando a sua contribuição à obra da Revolução. Cada chefe que por ele passasse e lhe perguntasse: "Como estão as coisas? O que você diz do que se passa?" Ele só tinha uma resposta, sorrindo: Talvez, um pouco, como fazia Isaac Brown, homem de poucas palavras, mas de infinita fé no esforço "Ça ira! Ça ira!" "Isto vai! Isto vai!" Dizia o homem da Revolução Francesa

Sr. Presidente, Srs. Senadores, toda obra humana depende de homens como esse que Anatole France pôs dentro do contexto do seu cativante livro *Les Dieux ont Soif*. Todas as entidades, todas as repartições, dependem de um, dois ou três que se sacrificam, que carregam a carga. Ninguém, entretanto, até hoje, carregou mais e se compenetrou mais dessa verdade que Isaac Brown. E dos páramos celestiais, onde, certamente, repousa, banhado pela luz eterna, ele, certamente, estará dizendo, a respeito do Senado e da Democracia brasileira: "Ça ira, Ça ira".

A vida de Isaac Brown não pode ter sido em vão — foi grande demais para ter sido em vão, Sr. Presidente. (Muito bem!)

O SR. VICTORINO FREIRE:

Poucas palavras apenas, Sr. Presidente, para manifestar o meu pesar ao amigo e ao modelar funcionário desaparecido. O grande Capitão morreu no pasadiço do seu navio, que era esta Casa,

com as mãos honradas e íntegras no leme que só soltou quando não pôde mais segurá-lo, tombando nos braços da tripulação sem ceder seu posto a ninguém.

Foi assim que nos deixou o Doutor Isaac Brown atendendo ao chamado superior da Providência Divina. Enérgico sem destemperos, disciplinador e disciplinado, educado e discreto, o Dr. Isaac Brown dedicou toda sua vida ao serviço do Senado que perdeu um grande funcionário e a Nação um dos mais dedicados dos seus servidores. Desde ontem à tarde, entre soluços de dor e lágrimas de saudades, dorme no Campo Santo de Brasília o soldado do Senado e do dever o sono derradeiro. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE: (Moura Andrade)

Senhores Senadores, desde o instante em que recebemos a notícia do falecimento do Doutor Isaac Brown, que procuro medir, sem conseguí-lo, a extensão da perda que sofremos. É inavaliável.

Ontem, como hoje, senti o profundo desalento que atingiu o funcionalismo em todos os seus graus, assim numa terrível impressão de que com êle se tivesse extinguido uma fonte inspiradora de puros e fecundos exemplos de trabalho.

A beira de seu túmulo, nenhum funcionário se sentiu com forças bastantes para a oração de despedida, nem o Diretor-Geral, tomado, como todos, de imensa dor, nem ninguém entre êles, que a dor era a mesma de todos.

Mesmo entre nós, os membros da Mesa, nenhum se sentia capaz de fazê-lo, e a cruciante incumbência que demos ao Senador Guido Mondin, foi por êle

cumprida, em comovente oração em que as palavras eram tão tristes quanto as lágrimas e davam a soma da tristeza de nossas almas.

Os discursos de hoje, a saudade que ocupa o lugar deixado vazio, fazem ver que todos os corações estão emocionados com o desaparecimento daquele homem raro, que soube transformar as mais altas e mais nobres virtudes humanas, em atos cotidianos de naturalidade corrente.

A sua cultura a sua probidade moral e intelectual, a energia, a inexgotável capacidade de trabalho, a inteligência superior, a lealdade, a dedicação ao Senado e ao Poder Legislativo, — tudo quanto nêle havia enfim, compoendo uma singular personalidade de homem perfeito —, estavam protegidos pela sua modestia, e de tudo fez, durante quarenta e sete anos, instrumento de deveres, recusando honrarias, privilégios e agradecimentos. Não gozou, em todo êsse tempo, um único período de férias.

Ao Senado dedicou todas as suas horas, não todas as suas horas de trabalho, mas as horas todas de sua vida, e aqui morreu em pleno labor.

Então, justamente porque aqui viveu e morreu, ao serviço do Estado e da Nação, afianço aos funcionários da Casa que não desapareceu, porém mais viva ficou, a sua força inspiradora.

A ordem do dia, o expediente, os avisos, ofícios, avulsos e publicações, que constituem objeto de nossa sessão de hoje, foram todos realizados por êle, que conseguiu completá-los pouco antes de falecer.

Para os que aqui trabalham, o seu exemplo vivo de ontem deve constituir um símbolo, que destinga os nossos colaboradores, que os edifique nas suas tarefas, como dignos discípulos daquele grande homem.

Em vida, quisemos honrar ainda mais ao Doutor Isaac Brown, apresentando um Projeto de Resolução com o número 44/1963, que dava o seu nome ao Edifício onde construiu uma de suas melhores obras. Lido o projeto, sem o seu conhecimento prévio, cumpria-lhe encaminhá-lo à publicação para que tivesse curso. Nunca foi publicado. Nunca conseguimos reavê-lo. Os seus auxiliares não puderam encontrá-lo.

A Comissão Diretora autorizou hoje a reconstituição do projeto. Era esse o homem.

Oficiei à Câmara dos Senhores Deputados, agradecendo, em nome do Senado Federal, as homenagens que aquela Casa

Também a Assembléa Legislativa do Estado da Guanabara consignou na Ata dos seus trabalhos, na sessão de 25 de agosto de 1967, um voto de pesar pelo desaparecimento do Secretário-Geral da Presidência do Senado Federal:

REQUERIMENTO

Sr. Presidente:

Requeiro à Mesa, nos termos regimentais, ouvido o Plenário, seja consignado na Ata dos trabalhos desta Assembléa um voto de pesar pelo falecimento do Dr. Isaac Brown, Secretário-Geral da Mesa do Senado, falecido há dois dias, em Brasília.

Solicito ainda seja este voto comunicado à família do Dr. Isaac Brown e à Mesa do Senado Federal.

Sala das Sessões, 25 de agosto de 1967.
— Deputado **Carvalho Netto**, Líder da ARENA.

tributou ao Dr. Isaac Brown, durante a cerimônia de seu sepultamento, através da palavra de seu ilustre Vice-Presidente José Bonifácio.

Na sessão do Congresso Nacional, de ontem, usaram da palavra, exaltando o saudoso Secretário da Presidência do Senado Federal, os Senhores Deputados Geraldo Freire e Mário Covas, e os Senhores Senadores Daniel Krieger e Bezerra Neto. Nos termos regimentais, esta Presidência determinou a transcrição desses discursos nos Anais do Senado Federal.

Jamais esqueceremos Isaac Brown. Talvez nunca encontremos outro Isaac Brown. Nem Kipling imaginou um homem assim. O nosso ultrapassou o poema.

A Mesa do Senado Federal, comovida, se associa às homenagens que o Plenário lhe acaba de prestar.

Justificação

O Dr. Isaac Brown, que era considerado o funcionário n.º 1 do Senado, pela sua competência, cultura e conhecimento dos assuntos legislativos, embora médico, dedicou toda sua vida àquela Casa do Congresso Nacional, servindo-a com dedicação e alto espírito público. Assim sendo, não pode a Assembléa Legislativa da Guanabara deixar de externar o seu profundo sentimento pela morte de quem tanto serviu ao País e particularmente ao Poder Legislativo.

RELATÓRIO DA PRESIDÊNCIA

ELABORAÇÃO

LEGISLATIVA

Do RELATÓRIO DA PRESIDÊNCIA referente aos trabalhos da 4.^a Sessão Legislativa Ordinária da 5.^a Legislatura, de 1.^o de março a 1.^o de dezembro de 1966, apresentado, no ato de seu encerramento, pelo Presidente,

Senador Auro Soares Moura Andrade

A aproximação do fim desta Legislatura, em que os trabalhos legislativos sofreram — é bem o termo — o impacto de profundas alterações decorrentes dos Atos Institucionais n.º 1 e 2, sugere a esta Presidência algumas considerações sobre o assunto, tanto mais oportunas quanto ao voto do Congresso Nacional vai ser submetido projeto de reforma constitucional, elaborado pelos juristas do Executivo, que, além de incorporar algumas das inovações daqueles Atos, trará outras, não menos profundas, segundo tem sido divulgado.